

SOBRE A QUESTÃO DA DINÂMICA DO CARÁTER INFANTIL

REGARDING THE DYNAMIC
OF CHILD CHARACTER

AU SUJET DE LA DYNAMIQUE
DU CARACTÈRE INFANTIL

SOBRE LA CUESTIÓN DE LA DINÁMICA
DEL CARÁCTER INFANTIL

Liev Semionovitch Vigotski *

RESUMO

O trabalho “Sobre a questão da dinâmica do caráter infantil”, de Liev Semionovitch Vigotski, foi publicado pela primeira vez em 1928, na revista Pedologia e Educação, da editora Rabotnik Prosvetchenia, em Moscou. Posteriormente, foi publicado no 5º volume das Obras Completas em 6 volumes, em 1983, pela editora Pedagogika, também em Moscou. Em 1995, a editora Prosvetchenie reuniu num só livro todos os trabalhos de Vigotski sobre a defectologia e publicou com o título Fundamentos da Defectologia. O presente texto passou a ser um dos capítulos desse livro. A presente publicação é a primeira versão desse trabalho de L. S. Vigotski traduzida do russo para o português (Zoia Prestes).

Palavras-chave: *Caráter. Temperamento. Personalidade. Reflexo do objetivo. Condições sociais. Consciência.*

* Liev Semionovitch Vigotski (1896-1934) – pensador, crítico de arte, pedagogo e psicólogo russo, colaborador do Instituto de Psicologia Experimental de Moscou, um dos fundadores da escola soviética de psicologia e autor da teoria histórico-cultural. Lecionou em diferentes universidades de Moscou, estudou o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, o processo de desenvolvimento do pensamento e da fala, as questões relacionadas à defectologia, o desenvolvimento psicológico da criança, entre outros temas.

Tradutora do russo: Zoia Prestes – pedagoga e tradutora, mestre pela Universidade de Pedagogia de Moscou, doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Como tradutora publicou *Doutor Jivago*, de B. Pasternak; *Meu Marido Dostoiévski*, de A. G. Dostoiévskaja, entre outros (presteszoi@hotmail.com).

Agradecimentos: às Professoras Carmem Tacca e Elizabeth Tunes pela ajuda na tradução.

I

Na teoria psicológica e na prática pedagógica, o próprio modo de formular a questão não deixava espaço para o estudo do caráter infantil, do seu desenvolvimento e da sua formação. A questão era tratada de forma estática, analisando-se o caráter como uma dimensão estável, sempre igual a si mesma, dada e presente. Ele era entendido como um estado e não como um processo, como condição e não como um devir. A fórmula clássica dessa concepção foi proposta por T. Ribott que apresentou duas condições necessárias e suficientes para definir o conceito de caráter: unidade e estabilidade, sob as quais se entendia a unidade no tempo. O verdadeiro atributo do caráter, segundo Ribott, é que ele surge na primeira infância e permanece constante durante a vida; o verdadeiro caráter é inato.

Nos últimos anos, a visão estática do caráter encontrou uma expressão definitiva e completa na teoria de E. Kretschmer que o analisa em relação à estrutura do corpo, como uma construção psíquica juntamente à somática. As duas, ou seja, a estrutura do corpo e a do caráter, são determinadas, segundo ele, em última instância, pelo sistema endócrino congênito. Kretschmer distingue dois grandes biótipos complexos dos quais (nos diferentes níveis de combinação) forma-se a grande quantidade de matizes normais do temperamento (1930): o esquizotímico e o ciclotímico que se ligam a dois tipos fundamentais de doenças mentais, a saber, a esquizofrenia e a psicose maniaco-depressiva (cíclica). Esse estudo exerceu uma forte influência na psicologia infantil, como aponta corretamente A. B. Zalkind (1926).

A continuação e o desenvolvimento, ou melhor, a transposição do ponto de vista de Kretschmer para a ciência da criança, são encontrados em P. P. Blonski. Diz ele, “Um dos méritos de Kretschmer é o estabelecimento da relação entre a estrutura do corpo e o caráter... Vou além e afirmo que os temperamentos representam diferenças não só entre os indivíduos, mas também entre as idades. Em particular, o temperamento ciclotímico é característico da infância do dente-de-leite” (1925, p. 182). O adolescente substitui o temperamento ciclotímico pelo esquizóide (idem, p. 227). Ao ser aplicada à criança, a mudança que sofre a concepção estática do caráter é que, no lugar de um tipo de caráter único e fatalmente determinado pelo sistema endócrino, apresenta-se uma mudança sucessiva de um tipo por outro. O próprio princípio de estabilidade, declarado por Ribott, permanece intocável. O tipo de caráter revela-se fixo apenas em um certo nível etário e não em uma constituição já formada. A série de tipos estáveis pelos quais a criança passa, sucessivamente, é, contudo, estática e não uma série dinâmica. E essa é a característica principal tanto de um como do outro estudo, assim como da maioria dos estudos caracterológicos. Como afirmamos, tal característica é, com razão, denominada por A. B. Zalkind de *estatismo absoluto e biológico* no exame do caráter (1926). “...O desenvolvimento do caráter humano – diz ele avaliando esta característica – é somente o desencadeamento passivo daquele tipo biológico essencial que é congênito no ser humano” (idem, p. 174).

O esquema de Kretschmer não serve para a definição dos traços caracterológicos por idade. No entanto, isso não impede a tentativa de revelar seu conteúdo predominante e específico para cada etapa do desenvolvimento. Esse conteúdo específico não cabe em nenhum sistema caracterológico existente, pois ele muda muito sob a influência do

meio. Eis porque é perigoso atribuir “identidades” rígidas aos sistemas, *na situação atual da ciência*. A imperfeição desse ponto de vista, como de qualquer outro que seja estático e não dinâmico, é que ele é incapaz de solucionar questões sobre a origem, o desenvolvimento, o curso e é obrigado a limitar-se à constatação, reunião, generalização e classificação de dados empíricos, sem conhecer a verdadeira natureza dos fenômenos pesquisados. “... Se a forma de revelação e a essência das coisas coincidissem diretamente, então qualquer ciência seria desnecessária...” – escreveu Marx (K.Marx, F.Engels. Col., v. 25, p. II, p. 384). Por isso, o ponto de vista que se contenta com a forma de “manifestação das coisas”, ou seja, somente com os dados empíricos sem a análise de sua “essência”, não é um ponto de vista científico. Tal versão sempre começa, fatalmente, pelo fim. Por isso, inutilmente, de Hipócrates a Kretschmer, a caracterologia debate-se com a classificação como se fosse um dos problemas fundamentais do caráter. A classificação somente pode ser cientificamente válida e proveitosa quando fundamentada no traço essencial dos fenômenos distribuídos por determinadas classes, quando a classificação pressupõe o conhecimento da essência dos fenômenos. De outro modo, ela será, necessariamente, uma distribuição escolástica de dados empíricos. E assim é, exatamente, quase toda classificação do caráter. Mas “a essência das coisas” é a sua dialética, que se revela na dinâmica, no processo de movimento, de mudança, de formação e de destruição, no estudo da gênese e do desenvolvimento.

A caracterologia – histórica e contemporânea – lembra o estado das ciências naturais até Charles Darwin. O pensamento científico tentava levar em consideração e ordenar, introduzir um sistema e um sentido na grande diversidade de formas vegetais e animais, mas não possuía a chave para alcançar essa diversidade; tratava-a como fato, como dado, como um testemunho indiscutível da criação de tudo o que existe. A chave para a biologia estava na evolução, na idéia de desenvolvimento natural das formas vivas. Assim como a biologia começou com a *origem das espécies*, a psicologia deve começar pela *origem dos indivíduos*. A chave da origem dos indivíduos é o reflexo condicional. Se Darwin apresentou a biologia das espécies, então, I.P.Pavlov apresenta a biologia dos indivíduos, a biologia da personalidade. O mecanismo do reflexo condicional desvenda a dinâmica da personalidade e mostra que esta surge na base do organismo como uma superestrutura complexa, criada pelas condições externas da vida individual. Essa teoria soluciona de modo preciso e definitivo a antiga discussão entre nativismo e empirismo, ao mostrar que na personalidade *tudo* é construído sobre uma base genérica, congênita e, ao mesmo tempo, tudo nela é supra-orgânico, condicional, ou seja, é social.

O estudo dos reflexos condicionais não só dá a deus o que é de deus e a César, o que é de César. Ele mostra que o momento impulsionador, dinâmico, que empurra o desenvolvimento e provoca mudança, está exatamente nas condições que reconstróem a experiência hereditária. A reação inata é só o material cujo destino depende das condições formadoras em que terá que se manifestar. Sobre a base inata pode-se criar muito e de forma infinitamente diversa. É pouco provável que se encontre uma ilustração melhor para comprovar a quase absoluta reeducação da natureza humana, como é o reflexo salivar em resposta ao estímulo destrutivo e doloroso de uma forte corrente elétrica. Posto em determinadas condições, ou seja, alimentado durante a apresentação de um estímulo doloroso, o cão começa a responder às queimaduras e feridas que lhe são provocadas com uma reação positiva que, na linguagem subjetiva da psicologia, denomina-se

expectativa do prazer e, na linguagem da psicologia objetiva, reflexo alimentar. O cão não só não se defende da dor, mas tende para ela. C. Sherrington esteve presente a esses testes e, segundo J. Bon, teria exclamado: “Agora eu entendo a alegria com que os mártires iam para a fogueira” (citação segundo livro de Iu.P.Frolov, 1925, p.155). Assim, por meio dos fatores sociais, o biológico funde-se no social; o biológico, o orgânico, no pessoal; “o natural”, o “absoluto”, o incondicional, no condicional. Este é o material próprio da psicologia.

C.Sherrington percebeu no experimento com o cão uma enorme perspectiva psicológica – a chave para a descoberta da origem das formas psíquicas humanas superiores. Ele disse essencialmente aquilo que para o nosso tema pode ser traduzido e explicado da seguinte maneira: para entender o caráter do mártir que vai com alegria para a fogueira, há que se perguntar sob que condições surgiu, necessariamente, esse caráter que leva o mártir a alegrar-se. Qual é a história, ou seja, a dinâmica, o condicionamento dessa alegria? O caráter é condicional, eis sua fórmula dinâmica. Estaticamente, ele é igual à soma de traços básicos da personalidade e de comportamento; é um corte transversal da personalidade, seu estado inalterável e sua condição presente. Entender o caráter dinamicamente significa traduzi-lo para a língua de orientações principais e objetivas no meio social, significa compreendê-lo na luta pela superação de obstáculos, *na necessidade de seu surgimento e desdobramento*, na lógica interna de seu desenvolvimento.

A lógica do desenvolvimento do caráter é a mesma de qualquer desenvolvimento. Tudo que se desenvolve desenvolve-se por necessidade. Nada se aperfeiçoa e avança em função de um “ímpeto interior” de que fala a filosofia de A.Bérgson. Seria um milagre se o caráter não se desenvolvesse sob a pressão da necessidade que o compele e o empurra para o desenvolvimento. A que necessidade, então, estão atreladas as forças motrizes do desenvolvimento do caráter? Existe somente uma resposta para esta pergunta: à necessidade que é fundamental e determinante de toda vida humana, à necessidade de viver em um meio histórico e social e reconstruir todas as funções orgânicas de acordo com as exigências apresentadas por esse meio. O organismo humano pode existir e funcionar apenas como uma unidade social definida.

Este postulado foi tomado como ponto de partida no sistema da psicologia individual (psicologia social da personalidade) de A.Adler. Deixaremos de lado a questão sobre a relação entre essa teoria e a filosofia marxista, por ser complexa, discutível e, o mais importante, por exigir um exame especial e particular. As posições filosóficas básicas de Adler são distorcidas por elementos metafísicos. Somente a prática de Adler apresenta um interesse caracterológico. Com toda razão, Adler denomina sua teoria de psicologia posicional no mais profundo sentido desta palavra, distinguindo-a da psicologia disposicional: a primeira deriva do desenvolvimento psicológico, da posição social da personalidade; a segunda, da disposição orgânica, ou seja, da predisposição. Aqui, o conceito de caráter retorna ao seu sentido original. “Caráter” quer dizer, em grego, “cunho”.

2

O caráter é exatamente o cunho social da personalidade. É o comportamento típico da personalidade que foi petrificado, cristalizado, na luta pela posição social. É o traçado

da linha principal, da linha dominante da vida, do plano inconsciente da vida, da direção vital única de todos os atos e funções psicológicas. Em vista disso, torna-se imprescindível para o psicólogo a compreensão não só de cada ato psicológico, mas também do caráter como um todo, não só na relação com o passado da personalidade, mas com seu futuro. Isso pode ser denominado de direção final do nosso comportamento. Assim como a cena do filme que mostra um momento em movimento pode ser incompreendida sem os momentos subsequentes, ou seja, fora do movimento como um todo; assim como a trajetória da bala é definida pelo ponto final ou pelo seu alvo, da mesma forma, qualquer conduta e qualquer traço do caráter fazem emergir as questões: a que estão direcionados? Qual é o objetivo? Em que se transformarão? Qual a sua tendência? Essencialmente, essa compreensão dos fenômenos psicológicos não só em relação ao seu passado, mas também ao seu futuro, não significa nada além da exigência dialética de conceber os fenômenos em seu permanente movimento, de descobrir nos fenômenos suas tendências, seu futuro, definido por seu presente. Assim como, na esfera da história, não entendemos a fundo a essência do regime capitalista se o tomarmos estaticamente, fora da tendência de seu desenvolvimento, fora de sua relação necessária com o regime futuro, que está amadurecendo em suas entranhas, na esfera da psicologia, jamais compreenderemos a fundo a personalidade humana se a analisarmos estaticamente como uma soma de manifestações, condutas etc., sem o projeto de vida único dessa personalidade, sem sua linha dominante, que transforma a história de vida do ser humano de uma série de episódios desconexos e entrecortados em um processo biográfico único e coerente.

3

Nenhuma ação instintiva de um animal pode ser compreendida e explicada se não soubermos seu final, seu “alvo”, o ponto final a que se dirige. Vamos imaginar o comportamento animal na copulação. Ele pode ser compreendido apenas se examinado como um todo, na sua integridade, desde o ato final, o elo final para o qual dirigem-se todos os outros elos que o precedem na cadeia. Os movimentos do tigre à espreita da presa serão totalmente sem sentido se não levarmos em conta o último ato deste drama, quando o tigre devora sua presa. Poderíamos descer a escala da evolução até as funções orgânicas mais elementares e encontraríamos, em toda parte, a mesma particularidade: o caráter final, a tendência final da reação biológica. Só se pode entender o fato de os dentes do animal cortarem e moerem a comida, quando se leva em conta que essa comida será digerida e assimilada pelo organismo, ou seja, tendo em vista todo o processo de digestão e nutrição. Aquilo que comumente se denomina de teleologia imanente do organismo, ou seja, aquele princípio metodológico de acordo com o qual são analisadas as partes do corpo vivo como órgãos e suas ações como funções orgânicas que adquirem significado e sentido somente na relação com o organismo em sua integridade, é, na verdade, a formulação biológica geral da mesma idéia.

Portanto, o caráter final dos atos psicológicos, suas orientações para o futuro aparecem já nas formas mais elementares de comportamento. Como vimos, nenhuma ação

instintiva pode ser compreendida a fundo sem a análise de sua perspectiva para o futuro. Esse fato fundamental descrito por I.P.Pavlov foi realçado no termo genial – “reflexo do objetivo”. Ao estudar as atividades mais simples e fundamentais do sistema nervoso com as quais nasce o animal, Pavlov chegou à conclusão de que deve ser definido um reflexo incondicional específico, o reflexo do objetivo. Com este termo, paradoxal à primeira vista, Pavlov destaca a particularidade deste reflexo: ele está orientado para o alcance do “objetivo”, isto é, pode ser entendido somente sobre a base de seu futuro e, ao mesmo tempo, esse tipo de atividade não é uma exceção qualquer, mas o reflexo mais comum. Justamente por isso, neste caso, Pavlov substitui o termo “instinto” e prefere “reflexo”; “... Nele está contida com mais nitidez a idéia de determinismo e, de forma mais indiscutível, a relação entre o estímulo e o efeito, entre a causa e a consequência” (1951, p. 306).

É curioso que Adler, ao explicar a idéia de orientação do comportamento para o futuro, refira-se às experiências de Pavlov como a formação do reflexo condicional de sinal (A.Adler, 1927). E da mesma forma é curioso que Pavlov aponte para a semelhança entre o mecanismo do reflexo de objetivo com a teoria da compensação. Ele vê, nesse reflexo, “o principal fator da vida”, particularmente necessário em uma área importantíssima que é a educação. O mecanismo de formação do reflexo de objetivo tendo por base a presença de obstáculos foi estabelecido na psicologia por Pavlov e Adler. T.Lipps denominou-o de lei do dique, vendo nesta a lei geral da atividade psíquica, que consiste em que a energia que se concentra em um determinado ponto aumenta, podendo até ultrapassar uma contenção, mas pode também continuar seguindo por um caminho confluyente. Aqui já está contida a idéia de compensação. Qualquer tendência, em geral, Lipps explicava pela ação dessa lei. Ele considerava que qualquer atividade direcionada realiza-se pelas vias de um acontecimento precedente sem objetivo ou automático quando surge o obstáculo. Somente graças ao dique ou ao obstáculo torna-se possível o “objetivo” para outros processos psíquicos. O ponto de interrupção, de alteração, de alguma das funções que atuam automaticamente, torna-se “objetivo” para outras funções, orientadas para este ponto e que por isso possuem a aparência de atividade direcionada. Assim, o “objetivo” está dado com antecedência e, na realidade, é um objetivo apenas aparente, pois na prática é causa primeira de qualquer desenvolvimento.

A teoria dinâmica não pode limitar-se à mera constatação da existência do reflexo de objetivo, da direção fatal da psiquê. Ela precisa saber como surge o reflexo de objetivo, qual é a condicionalidade e determinação causal das formas de comportamento que se orientam para o futuro. A resposta para essa questão está na fórmula de Pavlov sobre a existência de obstáculos. A existência de obstáculos (como demonstrou a psicologia ainda antes de Pavlov) é não só a condição principal de *alcance do objetivo*, mas também a condição necessária para o próprio *surgimento e existência do objetivo*.

Dois postulados psicológicos fundamentais em que se baseia a teoria dinâmica do caráter – a explicação para a orientação psicológica ao futuro e o princípio de compensação no desenvolvimento da psiquê – revelam-se, dessa forma, internamente interligados; um é a continuação dinâmica do outro. A existência de obstáculos cria o “objetivo” para os atos psíquicos, ou seja, introduz no desenvolvimento da psiquê a perspectiva do futuro e a presença deste “objetivo” cria o estímulo para as tendências à compensação. São dois

momentos do mesmo processo psicodinâmico. Podemos perceber que, para o entendimento completo da lógica interna dos pontos de vista aqui desenvolvidos, o terceiro postulado em que nos apoiamos – o princípio da condicionalidade social dos processos de desenvolvimento – também está internamente interligado com os outros dois e forma, na série causal, o primeiro momento que determina tudo e, em uma série inversamente causal ou de objetivo, é o momento final do mesmo processo único – o *desenvolvimento por necessidade*.

As condições sociais nas quais deve integrar-se a criança constituem, por um lado, toda a esfera de sua inadaptação de que são derivadas todas as forças criativas de seu desenvolvimento; a existência de obstáculos que impulsionam a criança para o desenvolvimento está arraigada nas condições do meio social ao qual a criança deve incorporar-se; por outro lado, todo o desenvolvimento da criança está direcionado para o alcance de um nível social necessário. Eis aqui o início e o fim, o alfa e o ômega. Cronologicamente, todos os três momentos desse processo podem ser representados assim: 1º. a inadaptação da criança ao meio sócio-cultural cria fortes obstáculos ao longo do curso do crescimento psíquico (princípio de condicionamento social do desenvolvimento); 2º. estes obstáculos servem de estímulo para o desenvolvimento compensatório; tornam-se seu alvo e orientam todo o processo (princípio da perspectiva do futuro); 3º. a presença de obstáculos eleva e compele as funções ao aperfeiçoamento, permitindo a superação destes obstáculos, ou seja, a adaptação (princípio da compensação). Como as relações da personalidade com o meio encontram-se no início (1) e no final (3) do processo, isso confere a este uma forma fechada e circular, o que permite analisá-lo em seu aspecto direto (causal) e inverso (de alvo).

4

Mas, se sabemos que da fraqueza surge a força, das insuficiências surgem as capacidades, então temos em nossas mãos a chave do problema do dom infantil¹. A teoria dinâmica do dom é, supostamente, algo que pertence ao futuro; até o presente momento, esse problema tem sido resolvido de forma puramente estática. O pesquisador examina o talento infantil como um fato, como algo dado, fazendo-se apenas uma indagação: “Quanto pontos?” Seu interesse é unicamente a pontuação, mas não a natureza do dom. Na teoria dinâmica do caráter infantil, estão presentes as premissas para criar uma nova teoria dialética sobre o *plus* e o *minus* do dom, ou seja, sobre o talento e a deficiência infantis. O ponto de vista anterior, atomístico e quantitativo, revela imediatamente sua total inconsistência teórica. Seja o caso de uma pessoa com memória ruim. Suponhamos que ela saiba disso e que uma investigação tenha mostrado uma memorização ruim de sílabas sem sentido. Segundo o *usus* estabelecido na psicologia e que, na verdade, é mais propriamente *abusus*, deveríamos concluir que a pessoa sofre de insuficiência de memorização por razões hereditárias ou em função de uma doença. A rigor, nesse método de investigação, comumente, a conclusão contém aquilo que com outras palavras já foi expresso na premissa. Por exemplo, no seguinte caso: se alguém tem uma memória ruim ou recorda de poucas palavras, então, possui uma pequena capacidade de memorização...

A questão deve ser posta em outros termos: “A que fim orienta-se a memória fraca? Para que serve?” Essa finalidade pode ser estabelecida apenas conhecendo intimamente o indivíduo em sua inteireza, já que o entendimento dessa parte surge a partir da compreensão do todo. O ponto de vista dinâmico permite examinar o dom e a deficiência como dois resultados diferentes de um único e mesmo processo de compensação. Supor que a presença de uma deficiência ou insuficiência baste para provocar a compensação, para a transformação do defeito em talento seria, é claro, um otimismo cientificamente injustificado. A supercompensação seria um processo mágico e não biológico, se transformasse cada defeito em virtude, independentemente das condições orgânicas internas e das condições externas nas quais transcorre esse processo. Para imaginar o quanto essa idéia é caricata e incorreta, basta levá-la ao absurdo e afirmar que qualquer defeito garante um desenvolvimento elevado. Seria muito fácil viver se fosse assim. Mas, na verdade, a compensação é luta e como qualquer luta pode ter dois desfechos polares – a vitória e a derrota. Como qualquer luta, o resultado depende da força relativa das partes em disputa. Nesse caso, o resultado depende do tamanho do defeito e da riqueza do fundo compensatório, ou seja, das forças de reserva no organismo. Se a compensação obtém sucesso, estamos diante de um quadro de desenvolvimento pleno ou até mesmo superior de dom e talento infantis. Se a compensação falha, então defrontamo-nos com um desenvolvimento reduzido, inferior, retardado e distorcido. Um pólo desse processo é a genialidade; o outro, a neurose.

A neurose, a fuga para a doença e a total insociabilidade da atitude psicológica são testemunhas do *objetivo fictício* que orienta todo o plano de vida pelo caminho falso e que distorce a linha diretriz da vida e o caráter da criança. A compensação que falha transforma-se numa luta defensiva ajudada pela enfermidade; o vencido defende-se com sua própria fraqueza. Entre esses dois pólos, como dois pontos extremos, dispõem-se todos os graus de compensação – do mínimo ao máximo. Esse é, precisamente, o dom infantil que mais comumente temos verificado e que se encontra na prática a que estamos acostumados. O novo na abordagem dinâmica não está na mudança da avaliação quantitativa do dom e de seus tipos especiais, mas em negar atribuir a essa avaliação um significado independente. Por si mesmo o defeito nada diz sobre o desenvolvimento como um todo. A criança com um ou outro defeito ainda não é uma criança deficiente. Com os defeitos estão dados os estímulos para a sua superação. O desenvolvimento do dom, assim como o desenvolvimento do caráter, transcorre dialeticamente e é movido pela contradição.

5

A contradição interior orienta o desenvolvimento do caráter pela linha “do contraste psicofísico”, como, convencionalmente, Adler designa a contraposição entre a insuficiência orgânica e a compensação psíquica.

S. Freud apresentou a conhecida tese da tríade caracterológica (excessiva limpeza, avareza, pontualidade) e da relação dela com o erotismo anal. Outra tese diz: “Os sujeitos que sofrem de incontinência urinária diferenciam-se por uma ambição excessiva e ardente”

(S.Freud, 1923, p. 23). “... A necessidade interior de tal relação entre os fenômenos...” (idem, p. 20) não é clara e compreensível até mesmo para o próprio autor dessa teoria. Temos o direito de perguntar que importância esses traços do caráter têm para a vida futura. Qual é a relação entre essa tríade e o erotismo anal? Por que *por toda a vida* o comportamento estará determinado por esse traço; o que o ajuda a não se atrofiar, de que se nutre? Para que é necessária no sistema das funções psicológicas da personalidade? Ao contrário, se nos mostram como da deficiência da função auditiva (audição reduzida), por meio de formações reativas e compensações, desenvolve-se a *sensibilidade mais apurada*, a desconfiança, a inquietação, a curiosidade e outras funções que tendem a compensar o defeito e criar sobre ele uma superestrutura psicológica de defesa, então torna-se compreensível a lógica do caráter e sua regularidade sócio-psicológica.

Para Freud, nas especificidades do caráter são desvendadas “as pulsões primárias que continuam sua existência imutavelmente”; o caráter está arraigado no *passado longínquo*. Para Adler, o caráter é o lado da personalidade voltado para o futuro. Assim como na interpretação dos sonhos, Freud parte dos restos do dia de ontem e de longínquas emoções infantis e Adler diz que o sonho é uma investigação bélica, uma investigação do futuro, uma preparação para os atos futuros, como no estudo da estrutura da personalidade, sobre o caráter, o novo estudo introduz uma *perspectiva de futuro* profundamente valiosa para o psicólogo. Ele nos liberta do poder das teorias conservadoras, voltadas para o passado. Na realidade, para Freud, o homem está preso ao seu passado assim como o prisioneiro, a seus grilhões. Toda a vida determina-se na tenra infância pelas combinações elementares e toda ela consiste na eliminação dos conflitos da infância. Permanece incompreendido porque todos os outros conflitos e traumas somente sobrepõem-se aos da infância que compõem o tronco e o eixo de toda a vida. Na teoria nova, a perspectiva revolucionária do futuro permite entender o desenvolvimento e a vida da personalidade como um processo único, *orientado para frente* e direcionado com necessidade objetiva para um ponto final, marcado pelas exigências da existência social.

A perspectiva psicológica do futuro é a possibilidade teórica da educação. A criança por sua natureza revela-se sempre incompleta na sociedade dos adultos; sua posição, desde o início, dá razão para o desenvolvimento de seus sentimentos de fraqueza, insegurança e dificuldade. Durante longos anos, a criança permanece inadaptada para a existência independente e nessa inadaptação e desconforto da infância está a raiz do seu desenvolvimento. A infância é a época de insuficiências e compensações por excelência, ou seja, da conquista de uma posição em relação ao todo social. No processo dessa conquista, o ser humano, como um determinado biótipo, transforma-se em ser humano como um sociotipo, um organismo animal se converte em personalidade humana. *O domínio social desse processo natural é chamado de educação*. A educação seria impossível caso, no próprio processo natural de desenvolvimento e de formação da criança, não estivesse alicerçada a perspectiva do futuro, determinada pelas exigências da existência social. A própria possibilidade de um plano único na educação, sua orientação para o futuro, testemunha a presença desse plano no processo de desenvolvimento que a educação tende a dominar. No fundo, isso significa que *o desenvolvimento e a formação da criança é um processo socialmente orientado*. O. Rühle fala sobre essa linha vital: “Isso é o fio de Ariadne dela [da criança – L. V.] que a leva ao objetivo. Já que com o tempo todas

as funções espirituais transcorrem numa direção escolhida, todos os processos mentais recebem sua expressão típica - então, forma-se uma soma de métodos táticos, aspirações e capacidades que se sobrepõem e delineam um determinado plano de vida. É isso que chamamos de caráter” (1926, p. 12).

Nessa trajetória, foram feitas muitas descobertas importantes na ciência sobre a criança. Assim, K. Gross, contrariando S. Hall e a teoria biogenética, mostrou em suas notáveis e clássicas pesquisas que a brincadeira como forma básica da educação natural do animal e da criança pode ser entendida e explicada não na relação com o passado, mas na sua orientação para o futuro. Para ele, a brincadeira surge em função da insuficiência das reações inatas da criança para a realização de tarefas complexas vitais, ou seja, por causa da inadaptação; a infância é uma época biológica de “aquisição de dispositivos necessários para a vida, mas que não se desenvolvem diretamente das reações inatas” (1916, p.71), ou seja, o período da compensação das insuficiências e a brincadeira são uma auto-educação natural da criança, um exercício para o futuro. Nos últimos tempos, apresenta-se e se firma cada vez mais o novo ponto de vista sobre a natureza psicológica desse exercício que, na realidade, desenvolve a idéia de Gross. De acordo com esse ponto de vista, esse exercício em geral, é uma função importantíssima no processo de desenvolvimento e educação, no processo de formação da personalidade; é um processo de compensação.

Somente sob a luz da teoria da brincadeira de Gross e da nova teoria do exercício para o futuro pode ser verdadeiramente entendido e valorizado o significado do movimento infantil e seu sentido educativo. O movimento infantil (em alguns componentes) deve ser visto como uma experiência, em escala internacional, da racionalização e organização em massa da brincadeira infantil. A brincadeira da época revolucionária que, como qualquer brincadeira, prepara a criança para o futuro, alicerça as linhas fundamentais de seu futuro comportamento. A própria idéia e a prática de tal brincadeira seriam impossíveis se o desenvolvimento da personalidade fosse um desencadeamento passivo dos impulsos primários inatos. A idéia de extrair, conscientemente, ao longo de toda vida humana, desde a infância, uma única linha contínua e direcioná-la por uma única linha reta, traçada pela história, pode ser válida somente sob a condição de que o caráter não nasce, mas forma-se. Não é desencadeamento, mas *elaboração*, eis a correta denominação do processo de surgimento do caráter. Exatamente este ponto de vista dá a chave para a compreensão da personalidade no seu aspecto social, a chave para a compreensão do caráter de classe, não no sentido metafórico da palavra, mas no sentido real e concreto, do cunho de classe na estrutura biológica da personalidade. Como principal deficiência das teorias estáticas do caráter, A.B. Zalkind aponta a sua contradição com o fato fundamental de que cada pessoa não só é uma unidade biológica, mas também histórica e carrega em seu caráter traços históricos.

“É possível a situação de classe (posição de explorador e explorado), a época histórica (revolução, reação) compeli para um ou outro tipo... de caráter?” (A.B. Zalkind, 1926, p. 178). Nesta questão está demarcado drasticamente o limite entre as duas diferentes formas de conceber o caráter. Uma, a de ver no caráter um *fatum* biológico e a outra, a de ver no caráter a forma histórica da personalidade. O primeiro ponto de vista foi refletido na conhecida tese de H. Compaire que analisava o caráter como um conjunto de sinais já pronto e formado no momento do nascimento: “Sem cair no paradoxo – diz

ele – pode-se dizer que a criança que futuramente será aplicada, revela essa tendência na maneira com que pega e segura a corneta (do livro *A vida espiritual da criança*. 1916, p. 261). Em outras palavras, o caráter nasce junto com o ser humano e revela-se na maneira do recém-nascido pegar e segurar a corneta. Em contraponto a isso, Gross vê uma significativa importância biológica da brincadeira como uma forma natural de educação e sua capacidade para nos levar de uma natureza herdada para uma nova, uma natureza “adquirida” pelo ser humano, ou, “utilizando aqui num sentido conhecido a velha expressão, do velho Adão levar o homem para o Adão novo...” (K.Gross, 1916, p. 72). Mas o caráter é nada mais que o novo Adão, a nova e segunda natureza do homem.

Nos últimos anos, o estudo de Adler, principalmente em sua parte aplicada e prática pedagógica, influenciou muito a teoria e a prática da educação social na Alemanha e Áustria. A pedagogia é a área mais importante desse estudo psicológico. Segundo O.F.Kanitz, esse estudo já possui uma grande importância para o movimento socialista operário porque apresenta em primeiro plano a importância do meio social e da educação. “Ele nos dá fundamentos psicológicos às palavras de Marx: nossa existência social determina nossa consciência” (O.F. Kanitz, 1926, p. 165). Kanitz insiste principalmente em dizer que as conclusões práticas do estudo de Adler e a aplicação de sua teoria na educação entram em contradição com o regime capitalista e seu meio cultural. “*Ou seja, a psicologia individual, transformada em prática, abala os moldes da sociedade capitalista*. E assim, o psicólogo burguês dessa tendência experimenta algum dia e em algum lugar seu Damasco” (idem, p. 164). Em 1925, no Congresso da Psicologia Individual, em Berlim, Kanitz apresentou a tese: “A psicologia individual só poderá penetrar nas massas quando estiver alicerçada na ideologia de massas” (idem).

Como já foi dito, estamos deixando de lado a questão complexa sobre a relação da psicologia individual e o marxismo. No entanto, acreditamos necessário apontar para a presença de duas tendências polares no âmbito do estudo de Adler para esclarecer o estado efetivo da questão.

Ele apóia-se num fundamento filosófico composto e complexo. Por um lado, afirma que as idéias de Marx, mais do que quaisquer outras, podem ter significado para a psicologia individual. Por outro lado, avidamente absorve as idéias de A.Bérgson, W.Stern e outros idealistas e destaca a convergência de muitas de suas idéias com os pontos principais da filosofia deles. Com toda razão, Adler fala que não foi sua pretensão nem tarefa estabelecer a relação entre a psicologia individual e a filosofia. Adler está correto ao tentar apresentar um fundamento gnosiológico para sua teoria, quando diz que alguns elementos de seu estudo estão interconectados por via puramente empírica, ou seja, que sua teoria não possui uma metodologia lógico-filosófica própria.

Exatamente por isso sua teoria admite elementos filosóficos inociliáveis. Toda a psicologia moderna vive uma crise, cujo sentido está na conclusão de que não existe uma, mas duas psicologias. Elas, até hoje, são elaboradas em conjunto: a psicologia da ciência natural, a materialista e a psicologia idealista, teleológica. Esta idéia está fundamentada

pela psicologia moderna nos trabalhos de F.Brentano, G. Münsterberg, V.Dilthey, E. Husserl, P.Natorp e muitos outros. A psicologia de Adler, assim como tudo na psicologia moderna, contém em si, de forma indiferenciada, as marcas e os princípios destes dois sistemas científicos polares incompatíveis e antagônicos. Daí a luta metodológica no âmbito dessa tendência e as tentativas de formulá-la metodologicamente com auxílio de um ou outro sistema.

Notas

1. Vigotski usa a palavra *odariionnost* que significa dom ou talento, na tradução direta para o português. Porém, o leitor deve estar atento que o autor discorda da teoria do dom inato, conforme fica claro neste mesmo texto (N.da T)

Referências

Vigotski, L.S. *Obras completas em 6 volumes*. V. 5, Pedagogika, Moscou, 1983, p. 153-165.

Regarding the dynamic of child Character

Abstract

The article “On the matter of the dynamics of child character” of Liev Semionovitch Vygotski was published for the first time in 1928, in the review Pedagogy and Education, Rabotnik Prosvechenia Editor in Moscow. Later, it was published in the 5th volume of the Complete Works in 6 volumes in 1983 by the Pedagogika Editor, also in Moscow. In 1995, Prosvechenie Editor reunited in one single book all the works of Vygotski on the defectology and published under the title Fundamentals of the defectology. The present article became one of the chapters in this book. The current publication is the first version of this work of L. S. Vygotski translated from Russian to Portuguese (Zoia Prestes).

Keywords: Character. Temperament. Personality. Reflex of the objective. Social conditions. Conscience.

Au Sujet de la Dynamique du Caractère infantil

Resume

Le travail “Sur la question de la dynamique du caractère infantile” de Liev Semionovitch Vygotski, a été publié pour la première fois en 1928, dans la revue Pedagogia e Educação, des Éditions Rabotnik Prosvechenia à Moscou. Plus tard, il a été publié dans le 5ème volume des Oeuvres Complètes en 6 volumes, en 1983, par les Éditions Pedagogika, aussi à Moscou. En 1995, les Éditions Prosvechenie ont réuni en un seul livre tous les travaux de Vygotski sur la défectologie et l’a publié sous le titre Fondements de la défectologie. Le texte actuel devient l’un des chapitres de ce livre. La présente publication est la première version de ce travail de L. S. Vygotski traduit du Russe en Portuguais (Zoia Prestes).

Mots clefs: Caractère. Tempérament. Personnalité. Réflexe de l’objectif. Conditions sociales. Conscience.

Sobre la cuestión de la dinámica del carácter infantil

Resumen

El trabajo “Sobre la cuestión de la dinámica del carácter infantil”, de Liev Semionovitch Vygotski, fue publicado por primera vez en 1928, en la revista “Pedología y Educación”, de la editora Rabotnik Prosvechenia, en Moscú. Posteriormente, fue publicado en el 5º volumen de las Obras Completas en 6 volúmenes, en 1983, por la editora Pedagogika, también en Moscú. En 1995, la editora Prosvechenie reunió en un sólo libro todos los trabajos sobre la defectología y publicó con el título “Fundamentos de la defectología”. El presente texto se tornó uno de los capítulos de ese libro. La presente publicación es la primera versión de este trabajo de L. S. Vygotski traducida del ruso para el portugués (Zoia Prestes).

Palabras-clave: Carácter. Temperamento. Personalidad. Reflejo del objetivo. Condiciones sociales. Consciencia.

Recebida 1ª versão em: 14.05.2007

Aceita 2ª versão em: 27.06.2007

